

Apresentação da exposição individual Pintura Galeria do Hotel Nacional, Brasília, 1967

Italo Campofiorito

Esta é a primeira exposição de pintura de Athos Bulcão em Brasília. O mural em mármore na entrada do Congresso, a grande treliça, o mural e os pisos do novo Itamaraty, os azulejos da Igrejinha e do Hotel são os exemplos mais conhecidos do seu trabalho (que vêm dos tempos da Pampulha), durante uma longa colaboração com a arquitetura de Oscar Niemeyer. Mas o que se mostra agora é a sua volta à pintura de quadros. Há um ano atrás, já se poderia lembrar que os trabalhos anteriores de Athos Bulcão – a montagem de fotografias, verdadeira explosão lírica do seu mundo interior, e a composição de revestimentos, disciplinada e concreta, para a arquitetura –, em vez de contraditórios, conduziram-no naturalmente à sua nova pintura. Mas, enquanto Athos adia deliberadamente esta exposição, seus amigos podiam acompanhar as variações sutis que se operavam nos quadros, tanto na forma quanto nos temas. Tanto a pintura, às vezes mais espontânea, às vezes extremamente elaborada, quanto a própria composição figurativa passavam, efetivamente, por experiências decisivas. Sobre o mesmo fundo, mais ou menos rico de fatura, mas sempre ilimitado, sem começo, nem horizonte, nem fim, as figuras de uma afinidade quase obsessiva ora se dispunham em frisas, ora se reorganizavam em grupos mais dinâmicos, até se condensarem, como símbolos, no trio Homem-Cidade-Pássaro sintomaticamente preso por fios. Mas Athos retornou a seus mascarados, de fisionomias insólitas, cujos gestos mudos, ao mesmo tempo feéricos e dramáticos, pertencem ao espaço sem tempo, que definem.

Diante das perspectivas atuais da crítica de arte, a posição de Athos Bulcão é independente e corajosa. O seu trabalho, livre dos preconceitos que correm como moeda falsa, no meio sofisticado dos mentores e comerciantes de vanguarda, faz lembrar, com certa candura, que a liberdade de criação individual era o único traço comum aos precursores da arte contemporânea. A Estética, a Sociologia, a Psicologia da Percepção, e as últimas noções sobre Informação e Comunicação – disciplinas teóricas de aplicação ao estudo das formas, de sua significação e de suas relações sociais – inverteram o processo criador. Nada mais suspeito, numa civilização acelerada e heterogênea como a nossa, do que uma arte decifrada de antemão. Do que uma vanguarda, prevista e preconizada pelo meio social que viria surpreender. Nada mais suspeito do que a expressão individual submetida a receitas ou feita sob medida. Longe das oscilações da moda e do equívoco ingênuo dos que recorrem a vulgarizações científicas, na ilusão de acompanharem o progresso tecnológico, Athos Bulcão fica tranquilamente à margem das correntes oficiais, mas pertence à verdadeira história dos pintores. Conhecendo, até a mais extrema precisão, os valores de cor, de espaço, e as técnicas que utiliza, faz o que sempre fizeram os artistas autênticos: esquece a autoridade duvidosa dos críticos e dá forma a um mundo próprio, de invenção e fantasia.